

GRUPO ESPERANÇAR DE ESTUDOS EM PAULO FREIRE: TRAJETÓRIAS DE VIDAS COMPARTILHADAS E DIALOGADAS.

DANIELE JESUS NEGREIROS (UNIVERSIDADE DE FORTALEZA) – danielejn@gmail.com
ANDREZZA AGUIAR COELHO (UNIVERSIDADE DE FORTALEZA) - andrezza.aguiar@gmail.com
TEREZA GLAUCIA ROCHA MATOS (UNIVERSIDADE DE FORTALEZA) - terezamatos@unifor.br
VERONICA SALGUEIRO NASCIMENTO (UNIVERSIDADE DE FORTALEZA) - vsalgueiro@unifor.br
DANIEL WELTON ARRUDA CABRAL (UNIVERSIDADE DE FORTALEZA) - daniel_welton@hotmail.com
MELINA DE ANDRADE ARAGÃO (UNIVERSIDADE DE FORTALEZA) - melina_andrade@hotmail.com

1. Introdução

Não escrevo somente porque me dá prazer escrever, mas também porque me sinto politicamente comprometido, porque gostaria de convencer outras pessoas, sem a elas mentir, de que o sonho ou os sonhos de que falo, sobre que escrevo e por que luto valem a pena ser tentados (FREIRE, 2003 p.18).

Quando falamos em conhecer a história, estamos falando em conhecer os caminhos percorridos, em entender os impasses surgidos, em analisar as conquistas alcançadas, mas principalmente em perceber a *esperança* inerente, que irrompe como mobilizadora para transformação de cada um desses momentos.

A historicidade, então, surge para nós como possibilidade, que se expressa mediante as inúmeras construções que fomos e ainda estamos organizando durante esses anos de existência do grupo.

A construção efetiva da condição de sujeito social de História e da História. Ângela Pinheiro explica melhor o que isto significa, “sinto-me abrindo mão da cômoda – mesmo que insípida – condição de espectadora, de testemunha da história, para o responsável – porém vívido – lugar de partícipe da complexa tessitura social em que me insiro, na dupla condição de construtora e construída” (PINHEIRO, 2005, p.23).

Contar essa história é mais do que, simplesmente, elencar os fatos e as datas ocorridas com uma precisão técnica, mas sim experimentar novamente cada um dos sabores e ingredientes que usamos e provamos no início para temperarmos essa caminhada.

Hoje acreditamos que todos nossos esforços nos fazem “ser mais”¹, como vocação ontológica (FREIRE, 2005a), e que nossa prática vai se tornando congruente com aquilo que dizemos. No entanto, essa percepção não foi criada a partir do nada, e por isso se faz necessário escrever a nossa biografia, mostrando que o local onde hoje nos fazemos como grupo, é primordialmente, um local de construções contínuas no tempo.

Esse artigo se expressa como um convite para compartilhar um sonho coletivo, e que como o doce da padaria, vem com diversos recheios: as marcas deixadas por todos *esperançosos* nessa trajetória de vida.

Portanto, estabelecemos como objetivo geral para esse texto contar a nossa jornada, estabelecendo os marcos “histórico-afetivos” do grupo, conversando sobre nossa relação com Paulo Freire e com a práxis² da reflexão, que herdamos, na medida em que assumimos nosso compromisso com a transformação social.

1 Freire (2005a) acreditava que a vocação ontológica, ou seja, inerente e intrínseca do homem era a de “Ser Mais”, onde o homem-mulher jamais poderiam ser concebidos como produtos finalizados e acabados, mas como sujeitos de eternas possibilidades dialéticas de transformarem-se.

2 Práxis é o movimento constante entre teoria e prática. Freire (2005a) rompe com a dicotomia entre o pensar e o fazer, e os coloca em relação dialética de complementariedade, onde a prática demanda um suporte teórico, e a teoria existe pela razão da prática.

2. Por que Paulo Freire?

“(…) em tenra idade já pensava que o mundo teria de ser mudado. Que havia algo errado no mundo que não podia e nem devia continuar (FREIRE, 2003. p. 37-38).”

Fazemos essa pequena quebra no nosso relato para dar uma resposta a uma pergunta que talvez possa ter ficado: Existem tantos outros teóricos da educação que poderiam ter sido escolhidos, como chegamos e por que escolhemos Paulo Freire?

Paulo Reglus Neves Freire, nascido em Recife, em 1921, em uma das regiões mais pobres do país, onde logo cedo descobriu na pele o que era lutar para sobreviver. Em sua vida adulta, percebeu que a “fome da infância” forjou o espírito na curiosidade sobre o mundo, impulsionando a procurar respostas para perguntas que nasciam daquela fome, das injustiças e das dificuldades que experimentou (FREIRE, 2003).

Ressaltamos a origem geográfica do autor, nos remetendo a nossa própria origem no Ceará, na região Nordeste, pois como afirma a segunda esposa, Ana Maria, Freire sempre afirmava que para compreender a universalidade das palavras que trazia, nós deveríamos entender a brasilidade delas, por conseguinte, a pernambucanidade e, por fim, a recifencidade (FREIRE, 2006). Com isso, para além do fato da proximidade da realidade nordestina que nos irmana, estamos, a partir da geografia, explicitando epistemologicamente as relações nas quais estamos imersos, e atribuindo, de forma crítica, afetiva, estética e política, as nossas responsabilidades pessoais e coletivas acerca do nosso mundo.

Paulo Freire deve ser lido a partir do contexto no qual ele se apresenta, pois para além da formação acadêmica, o bacharelado em direito, assumiu um compromisso muito maior a partir da solidariedade. Afirma que quando a sociedade volta-se para si mesma, em busca da própria autenticidade, “começa a dar evidentes sinais de preocupação pelo seu projeto histórico” (FREIRE, 1981 p. 25). Comentávamos que Paulo é nordestino e por isso percebe a mazela tão comum entre esse povo, é brasileiro e dessa maneira entende o Brasil, como uma nação de pessoas, e é ser humano porque coloca nas relações sociais muito mais o peso da afetividade, da amorosidade do que propriamente da força de um capital, de uma opressão ideológica, apesar de reconhecê-las e saber da influência de cada uma delas na construção da sociedade. Politicamente, aceita a assunção de comprometer-se com o “ser mais” do homem.

Justamente por ter colocado a força do oprimido em destaque foi alvo de críticas e, em 1964, durante o período da ditadura, por se contrapor aos interesses militares, e a partir de todo esse conflito ideológico na década de 60, foi exilado. Esse período de 15 anos (1964-1979) fez com que Freire compreendesse a diversidade cultural dos povos, e vivenciando a diferença, pudesse distanciar-se do contexto original (FREIRE, 2006), redescobrir o direito de aprender com as diferenças e, assim, subsidiando a sua práxis. (FREIRE, 2007).

Acabou tornando-se um valorizador da figura humana, da cultura, da educação popular e do processo de “amorização social”. Um nordestino cujas idéias e práticas educacionais são marcos decisivos no processo de conscientização e transformação social.

A partir desse histórico do autor, e das nossas lutas na universidade, percebemos que já havíamos construído o espaço, em nós mesmos, onde as idéias libertadoras para educação encontrariam a ressonância necessária para serem vividas e compartilhadas.

3. Foi caminhando que fizemos nosso caminho

O projeto de um grupo de estudos a partir das obras de Paulo Freire teve início ainda com um projeto maior, o Laboratório de Psicologia Social, o LAPSIS. Tínhamos como intuito produzir discussões na universidade sobre a temática que era de interesse de vários alunos e até então não havia sido criado um espaço dialógico para isso. No ano de 2005 demos início a uma série de atividades com a intenção de divulgar os objetivos do laboratório, e logo em seguida um primeiro grupo para elaborar um projeto de pesquisa foi formado por educadores e educandos da instituição.

Como a proposta funcional de um laboratório é gerar diversos estudos em torno de uma temática central, e a nossa era a Psicologia Social, pensamos em outros projetos para além da pesquisa que fossem coerentes com a vivência que desejaríamos ter e com a nossa crença em profissionais comprometidos com a sociedade.

Surge então a idéia de montarmos um grupo de estudos que fosse o espaço dialógico que tanto queríamos e necessitávamos. Um lugar onde pudéssemos trocar informações sobre nossas experiências, expectativas e *esperanças*, e que fosse *suleado*³ por uma psicologia que vislumbrasse a geração de autonomia, que se propusesse a libertação.

Nasce o Grupo de Estudos Paulo Freire. E a primeira obra escolhida para ser lida e discutida foi *Pedagogia do Oprimido*. Tornou-se a primeira escolha por ser o livro símbolo da luta do autor por uma transformação social, e por isso deveria ser o símbolo da nossa transformação. Em segundo lugar, por trazer de forma muito prática a teoria freireana e a sistematização do autor para apresentar o seu modo de viver a educação.

Os primeiros encontros aconteciam quinzenalmente, e por conta dos horários dos integrantes, eram sempre à noite. Mesmo em face de todo o cansaço que os nossos corpos apresentavam após o cotidiano acadêmico e profissional, estávamos unidos, e desde então, *esperando*. No final do ano de 2005, encerramos o semestre com uma confraternização que dava indícios dos caminhos que iríamos percorrer, já se desenhavam nossas utopias.

E apesar dessa primeira configuração, estávamos abertos para as trocas interdisciplinares. O grupo contou com a participação de diversos educandos dos mais variados cursos de outras instituições que tinham o mesmo desejo que nós, conhecer Freire, e trazer suas idéias para nossas vidas e atividades acadêmicas. Nosso intuito era a construção coletiva a partir das propostas inovadoras de educação libertadora que Freire (2005a) havia proposto durante anos e que ainda assim pareciam ser tão distantes de nós e de nossas profissões, fossemos psicólogos, publicitários, geógrafos, jornalistas etc.

O ano de 2006 se desdobrou ainda com o estudo da *Pedagogia do Oprimido*, e quanto mais nos aprofundávamos, surgia a preocupação sobre qual seria a próxima obra a ser estudada que pudesse dar continuidade ao movimento de descoberta e de mudança da realidade vivida dentro da universidade.

No início de 2007, já com mais de um ano e meio de vida como grupo, vimos que precisávamos definir nossa identidade com mais propriedade. Entendendo identidade como um fato processual, que se constrói socialmente, a partir das nossas interações (CIAMPA, 1987). Refletindo sobre nossa história, concluímos que seria necessário conhecer a história do autor que embasava nossos debates, era imprescindível, portanto, conhecer a vida de Paulo Freire, contada com todo o “encharcamento” de sentido que só o próprio autor poderia fornecer, *Cartas à Cristina* tornou-se então o livro no qual nos debruçamos durante todo o ano e foi o livro que tornou fundamental mais uma marca impressa na nossa forma de atuar como um grupo, que confluía com o que estudávamos e acreditávamos e pelo qual pudéssemos ser reconhecidos. Percebemos então que necessitávamos de um nome próprio.

4. Como Caminhamos: A forma

É importante salientar que, desde a fundação até os dias de hoje, o grupo sempre permaneceu orientado pelo aspecto metodológico que mais envolvia o diálogo e a assunção do protagonismo ao qual todos nós estamos ligados, portanto nossos encontros assumiram a forma dos círculos de cultura, que podem ser definidos como um lugar onde as pessoas têm a

3 "Na noite do hemisfério sul, o encontro da direção Sul apoiado pelo Cruzeiro do Sul deveria enquadrar apenas na ideia de "SULear-se", palavra que não consta dos dicionários brasileiros. As convenções norteadoras em nosso hemisfério, como vimos na discussão das antinomias do tipo Norte/Sul, sugerem a conotação ideológica de dominação." (CAMPOS, 2009). *Portanto, sugerimos a utilização do verbo sulear, em substituição do verbo nortear.* (Nota dos autores).

oportunidade de adquirir capacidade de discernimento, se conscientizando de modo que provoque a transformação e uma maior autonomia, no conhecimento da necessidade do diálogo em sociedade.

Freire os definia como sendo “um lugar - junto a uma árvore, na sala de uma casa, numa fábrica, mas também na escola - onde um grupo de pessoas se reúne para discutir sobre sua prática: seu trabalho, a realidade local e nacional, sua vida familiar, etc.” (GADOTTI, 1996, p. 713)

A configuração em círculo é muito significativa. Evoca o sentido do compartilhar saberes. Segundo Brandão (2008) o trabalho com grupos e a disposição em roda favorece a circularidade do conhecimento. “A partir da crítica formulada por Paulo Freire a respeito do que ele denominou de educação bancária, o círculo de cultura dispõe as pessoas ao redor de uma “roda de pessoas”, em que visivelmente ninguém ocupa um lugar proeminente” (BRANDÃO, 2008, p. 77). Nessa configuração, o diálogo passa a ser entendido como a diretriz principal da experiência didática centrada na vivência do aprender a dizer a sua palavra e a pronunciar o mundo (FREIRE, 2005a).

Por mais que os espaços físicos que dispúnhamos para nossos encontros não nos permitissem estarmos em um formato circular, nossos diálogos sempre eram circulares. Não havia quem iniciasse, quem encerrasse, quem mais soubesse, quem menos soubesse, éramos uma rede de informações e percepções diversificadas, onde cada fala trazia em si a identidade do sujeito falante que ajudava a construir a identidade plural do grupo.

Discutíamos os livros, os textos, mas falávamos das nossas dúvidas, das nossas angústias em relação a nossa formação profissional, as dificuldades que encontrávamos nas nossas vidas pessoais, formávamos uma rede de pessoas envolvidas pelo aspecto transcendente da educação. Assim, nas situações de opressão, nossos sonhos e esperanças pulsavam incessantemente na busca pela superação. Era a possibilidade de se ter relações equânimes para nos abrir, romper barreiras, ir além dos limites impostos e conhecidos para nossa prática como grupo. O infinito, que o círculo de cultura propõe, nos atraía de tal maneira, e isso nos permitia ir além, nós, sujeitos tão marcados pela finitude. (VASCONCELOS, 2006).

5. Descobertas, objetivos e atividades

No último encontro de 2007, como sempre regado de muita afetividade, na pauta dessa conversa concordamos que não poderíamos sair aquela noite sem definirmos um nome para o grupo. O nome “Grupo de Estudos Paulo Freire”, falava muito sobre o que fazíamos, mas não falava sobre nós mesmos... Deveria estar relacionado com o momento do grupo e por conseguinte com a nossa crença no grupo.

Acreditamos que a construção do conhecimento no espaço universitário a partir do encontro grupal precisa do sentimento de esperança, e como categoria “Não é, porém, um cruzar de braços e esperar. Movo-me na esperança enquanto luto e, se luto com esperança, espero” (FREIRE, 2005a, p. 95). Sabíamos que éramos um Grupo de Esperança. Contudo, por estarmos e sermos em continuidade, em movimento, pensamos em uma natureza infinita, ou seja, um infinitivo, um verbo: ***Esperançar***.

Capra (2002) citando Václav Havel⁴ afirma que o sentimento de esperança não é uma simples convicção de que as coisas poderão dar certo um dia, mas a certeza de que existe um sentido para elas, independente de como elas venham terminar.

Ainda com relação ao discurso sobre esperança, Betto (2007, p.15) acrescenta:

Sou intrinsicamente otimista. Quanto a essa esperança de que as coisas vão melhorar, devo dizer que, durante muito tempo, esperei que o meu tempo pessoal coincidisse com o meu tempo histórico. Arrisquei a vida por isso na resistência à ditadura militar. Até perceber que o meu tempo pessoal não coincidiria com o meu tempo histórico. Nem por isso abandonei a luta. A diferença é que, hoje, espero morrer semente; tenho certeza de que não participarei da colheita.

4 Dramaturgo e estadista tcheco que publicou o livro *Disturbing the peace*, Faber and Faber, London & Boston, 1990.

Dessa forma, Esperançar para nós se traduz em uma luta que se faz diariamente, em um movimento ativo, e que, por sermos seres históricos e de finitude material, pode ser que não vejamos o fim das nossas ações, mas que por termos sido epistemologicamente curiosos, “encharcamos” de sentido o nosso momento grupal de existir.

Outra categoria muito pertinente ao grupo é a do *Diálogo*. Para Freire (2005a), os homens se encontram por meio do diálogo. No entanto, não há diálogo se não há um profundo amor ao mundo e aos homens. E por isso, era necessário também que o termo diálogo estivesse presente no nosso nome e que Paulo Freire aparecesse para explicar o conjunto de palavras com as quais formamos um nome e uma sentença.

Como condição para o diálogo temos a profunda e permanente fé⁵ nos homens e mulheres. Sem essa fé, não nos seria possível acreditar na dialogicidade, pois como ouvir as manifestações humanas, tão diferentes, tão diversas, se não nos fosse possível saber que essa fala que é “estranha” não é também fruto do caráter histórico de um sujeito que, assim como nós, está em processo de aprendizagem. A estranheza do diálogo torna-se curiosidade.

Oficialmente nos tornamos o “Grupo *Esperançar – Dialogando com Paulo Freire*”. Constitutivo e constituído de esperança e diálogos.

Por unanimidade, após a escolha do nome, decidimos ler *Pedagogia da Autonomia*, e elencamos como objetivo para o próximo estudo, observar a prática instituída da docência com a discência e propondo outras possíveis relações, inclusive subsidiando a realização de trabalhos apresentados em eventos de iniciação científica.

Dentre as atividades em 2008, podemos citar a continuação dos estudos das obras principais de Paulo Freire a partir de temas geradores definidos pelos participantes do grupo, conseguimos fortalecer parcerias com áreas afins da Psicologia na direção de uma prática interdisciplinar fundamentada nos princípios da obra freireana, inclusive na orientação de estágios nas áreas Escolar e Organizacional; subsidiamos debates e intervenções pautadas nos conceitos de Paulo Freire; e produzimos textos científicos para publicação e divulgação do pensamento freireano em eventos de iniciação científica e encontros de educação em diferentes instituições de ensino superior.

No primeiro semestre de 2009, em parceria com os educadores da universidade que ministravam as disciplinas de Psicologia Social II, fomos às salas de aula para falar sobre Paulo Freire, a vida e a obra, e, ainda, apresentar o Grupo Esperançar e falar sobre nossas atividades. Organizamos, também, o I Encontro Esperança e Libertação, com o tema “Contribuições de Paulo Freire e Martin-Baró no *quefazer* do psicólogo”, com a participação de mais de 80 ouvintes nos dois dias de encontro. Nós nos fazíamos nas nossas ações.

6. Dizer a sua palavra: do significado do grupo para os seus integrantes

Apesar desse presente texto ter autores específicos, jamais poderíamos tê-lo escrito se não fosse pelo amparo, informações, idéias e sentimentos de pertença ao grupo. Esse é um texto escrito por todos nós, e por isso solicitamos aos integrantes algumas poucas linhas sobre a participação no grupo, e que agora transcrevemos como o que há de mais concreto nas nossas realizações pessoais.

Figueiredo (2009, p.57) aborda a importância da problematização dos conceitos estudados enfatizando que no processo educativo “precisamos estabelecer uma rotina de problematizar, de perguntar, de se espantar, de admirar”. Nessa direção, o autor nos convida a refletirmos sobre o movimento contínuo de elaboração do conhecimento e a nos comprometermos com o lugar ativo de construtores dos saberes. Tal posicionamento encontra-se ancorado na proposta elaborada por Freire (2005a) condensada na expressão Educação Libertadora.

No clima de respeito vivenciado durante toda a realização dos trabalhos cada integrante foi convidado a dizer “sua palavra” (FREIRE, 2005b) sobre o significado do grupo. A partir dos resultados dessa experiência, entendemos que a expressão da fala dos sujeitos, no espaço

5 Fé aqui é entendida como a crença na vocação ontológica do ser humano.

educacional, pode cada vez mais ser incentivada. Para tanto, os educadores devem estar sensibilizados sobre a importância da prática que reforça o exercício da fala e da escuta. Ao refletir sobre esse ponto, Figueiredo (2009, p.57) indica um caminho a ser trilhado pelos educadores e educandos: o exemplo do docente que questiona e dialoga gentilmente com seus educandos “desse modo não há perguntas bobas nem respostas definitivas (...) nem desrespeito ao movimento de exercitar a curiosidade”.

Ao expressar as opiniões sobre o significado do grupo, os participantes teceram coletivamente a teia de posicionamentos e interrogações que contribuiu para o entendimento desta importante temática. Além disso, ao produzir reflexões, os educandos produziram o entendimento sobre si, como seres curiosos e potencialmente capazes de falar e de escutar. Ou seja, a dimensão dialógica ganhou importante destaque. Tal perspectiva fica configurada na fala da participante 1:

Quarta - feira é dia de esperarçar ...é dia de reunião, é dia de conversar, discutir e refletir. É um eterno dialogar sobre saberes e fazeres, um movimento que contagia pessoas com interesses em comum, clima de amizade, amorosidade e esperança. Energia que invade nossos corações e enche de luz, o grupo nos alimenta e complementa nesse nosso caminhar na psicologia, educação e Paulo Freire (participante 1, sexo feminino).

A partir dessa fala, podemos identificar o significado do grupo como um espaço privilegiado para operar o consenso facilitando o debate, não mascarando os conflitos e estimulando nos seus componentes a postura de negociação e tolerância. A boa comunicação, por meio da integração da escuta respeitosa e da facilitação das falas, constitui uma ferramenta primordial para a construção coletiva do espaço grupal. Esta atitude vem do reconhecimento da alteridade, reconhecimento da existência do outro e da possibilidade de convivência pacífica entre formas de pensar, agir, sentir diferente.

A relação dialógica apresenta-se como um caminho necessário a ser estabelecido. Para se efetivar este caminho, de acordo com Freire (2005a), o diálogo deve estar pautado na humildade, no amor, na fé intensa no ser humano e na leitura crítica da realidade. Esse autor afirma que o diálogo é uma necessidade existencial. Ressalta que para existir o diálogo é preciso humildade, esse não pode significar um ato de arrogância. Como posso dialogar com alguém quando pré-julgo que esse nada tem a me oferecer? Na relação dialógica está inerente a dimensão da troca, para que isso aconteça é necessário ter a consciência da incompletude do ser humano. Sendo assim, homens e mulheres humildemente podem reconhecer suas limitações.

Os próximos depoimentos (participantes 2,3,4,5) ressaltam a dimensão do movimento de transformação e contextualização num espaço histórico-social concreto.

O Esperançar é movimento, práxis, educação, identidade, simplicidade e complexidade. É amorosidade, respeito, confiança, conquista tecida e compartilhada delicadamente. É celebração com fé e ação dos interesses pessoais, coletivos e profissionais de sujeitos históricos sociais em constante trans-form-ação.(participante 2, sexo feminino).

Esperançar é buscar o conhecer procurando transformar. É não ter vergonha de querer mudar o mundo. É consciência que mudança necessita de trabalho e união. É momento de aprender, partilhar, sonhar e amar. É quando o eu, o tu e o ele vira nós. E esse novo pronome tem gosto de libertação. Esperançar é dividir esperanças pra melhor multiplicar. (participante 3, sexo feminino).

Por que estamos atentos, atados ao movimento do mundo. Buscamos, arfantes, um pouco mais de ar puro e, juro, anda rarefeito. Acadêmica, científica, arquitetônica, poética mente que cascavilha entre os lares e os bares fragmentos ricos de realidade, expressões delicadas, mãos apuradas na construção de uma realidade-fluxo. Luxo e pobreza, fome e riqueza. Tanta destreza para compreender que as pessoas não detêm verdades, mas perspectivas. Esperançar é um movimento, é palavra, encontro. Descemos das arquibancadas e atuamos. (participante 4, sexo feminino).

O grupo Esperançar mesmo sem saber está entrando para a História ao tentar romper com

os velhos paradigmas educacionais. Para mim aos 69 anos de idade, funcionária pública aposentada, restava-me uma vida pacata e sem grandes transformações. Quando entrei no curso de psicologia e depois no grupo, inconscientemente eu era a própria metamorfose ambulante do cantor Raul Seixas que afirma "eu é que não me sento no trono de um apartamento com a boca escancarada cheia de dentes esperando a morte chegar... Eu tenho uma porção de coisas grandes para conquistar e eu não posso ficar aqui parado". (participante 5, sexo feminino).

O sentimento de construção do eu passou a ser percebido como algo que se movimenta, sendo permanentemente refeito. Revela-se então o aspecto de um ser que passa por um processo constante de metamorfose (CIAMPA, 1987), pertinente à impermanência presente no caminho. De acordo com Paulo Freire (2007, p.14), "Ninguém nasce feito. Vamos nos fazendo aos poucos, na prática social de que tomamos parte".

Este caminho educacional indica que devemos concentrar esforços na construção de relações pautadas no respeito às diferenças, e no exercício de uma participação coletiva, onde todos possam sentir-se responsáveis e construtores da paz. "Creio na "arqueologia" do saber cuidar está a visão de que o conhecimento não implica somente a capacidade de compreender, devassar e interferir na realidade, mas igualmente, a de conviver com ela, toma-la parâmetro da sobrevivência, reconhecê-la como maior que nós" (DEMO, 2000, p.55).

O último depoimento ressalta também o aspecto da participação coletiva, além disto, acrescenta o cuidado como elemento presente nas relações existentes no grupo facilitando o processo de ensino e aprendizagem.

Encontro, afeto, abraço, riso, cheiro de uva, sabor de amor e de cuidar, sensação de acolhimento esperança de construção em conjunto. Espaço onde não há saber do professor e lugar do aluno definidos, mas onde estamos construindo a reflexão, o conhecimento, o aprender. Tudo é vivenciado com entusiasmo, gentileza e especialmente repleto de boniteza. (participante 6, sexo feminino).

A realidade trazida pelo depoimento demonstra que algo está sendo feito nessa direção. O discurso e a prática educacional se irmanam na construção de relações respeitadas consigo, com o outro e com o planeta. O caminho está sendo percorrido e dentro do que pudemos acompanhar a experiência se revela bastante exitosa. Colocamos em evidência o posicionamento de Boff (1999) que nos alerta para a importância do cuidado. A partir de sua contribuição, é possível afirmar que o ser humano é um ser de cuidado e, mais ainda, sua essência se encontra nesse aspecto.

Sem o cuidado ele deixa de ser humano. Se não receber cuidado, desde o nascimento até a morte, o ser humano desestrutura-se, define, perde sentido e morre. Se, ao longo da vida, não fizer com cuidado tudo o que empreender, acabará por prejudicar a si mesmo e por destruir tudo que há em volta. Por isso o cuidado deve ser entendido na linha da essência humana. O cuidado há de estar presente em tudo (BOFF, 1999, p.34).

Para o autor, o cuidado é uma característica singular do ser humano. Sem este a sobrevivência de todos é comprometida. Não apenas a vida de homens e mulheres pode ficar ameaçada, mas a de todo o planeta. Tudo precisa de cuidado para continuar a existir. Este representa uma relação amorosa com a realidade. Onde se exercita o cuidado de uns para com os outros, vivencia-se o respeito e o medo desaparece (BOFF, 2006).

7. Considerações Finais

Nossa luta de hoje não significa que necessariamente conquistaremos mudanças, mas sem que haja essa luta, hoje, talvez as gerações futuras tenham de lutar muito mais. A história não termina em nós: ela segue adiante. (FREIRE, 2001. p. 40)

Quando as condições são mais difíceis, em vez de nos isolarmos, desiludidos, devemos responder com mais compreensão e paixão. A resignação e a indiferença não são boas companheiras de viagem ante a dificuldade. Não podemos esquecer que, em todos os períodos históricos, houve circunstâncias objetivamente difíceis, superadas pelo engenho, pela resistência, pela luta, pela conciliação, mas em nenhum caso foram vencidas com resignação e indiferença (JARES, 2007, p. 11).

Desta forma, afirmamos o nosso desejo de construir pontes e estabelecer parcerias, consciente de que o conflito é salutar e parte integrante do caminho. Desde já, agradecemos àqueles que nos escutaram e compartilharam conosco as nossas e as suas inquietações. Percebemos claramente que o empreendimento deste trabalho com seus possíveis desdobramentos, é uma “tarefa para quem não se quer solitário nos sonhos e nos pleitos da vida” (LOPES, 2006, p.57).

Hoje entendemos, com muito mais certeza, de que os espaços educativos e sobretudo, os acadêmicos só podem se tornar espaços de libertação e construção se forem comprometidos com o diálogo, com a humildade, com a fé nos homens e nas mulheres, e como tal é que podemos nos considerar sujeitos e protagonistas da nossa própria história. E podemos dizer, sem medo de parecermos românticos, que os nossos ideais se fizeram no amor que nos foi ensinado e inspirado pelo amor que Paulo Freire teve pela vida e pela educação, e a ele nossa maior gratidão.

8. Referências Bibliográficas

- BETTO, Frei; CORTELLA, Mário Sérgio. *Sobre a esperança: diálogo*. Campinas, SP: Papyrus, 2007.
- BOFF, Leonardo. *Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra*. 11ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- _____. *Virtudes para um outro mundo possível*. Vol III: comer bem e beber juntos e viver em paz. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Círculo de cultura. In: STRECK, Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime. *Dicionário Paulo Freire*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. (p.76).
- CAMPOS, Márcio D’Oliveira. *SULear vs NORTEar: Representações e apropriações do espaço entre emoção, empiria e ideologia*. [online] Disponível na Internet: <http://www.sulear.com.br/texto03.pdf>. Com Acesso em Agosto de 2009.
- CAPRA, Fritjof. *As conexões ocultas: Ciência para uma vida sustentável*. Cultrix: São Paulo, 2002.
- CIAMPA, Antônio da Costa. Identidade. In: LANE, S.T.M. & CODD, W. *Psicologia social: O homem em movimento*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.
- DEMO, Pedro. *Saber pensar*. São paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2000.
- FIGUEIREDO, João Batista de Albuquerque. O problema é a questão. In: FIGUEIREDO, João Batista de Albuquerque; SILVA, Maria Heleni. *Formação Humana e Dialogicidade em Paulo Freire II: reflexões e possibilidades em movimento*. Fortaleza: UFC, 2009. p.51-79.
- FREIRE, Ana Maria Araújo. *Paulo Freire: Uma história de vida*. Indaiatuba, SP: Villa das Letras, 2006.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia dos sonhos possíveis*. São Paulo: Editora UNESP, 2001.
- _____. *Cartas a Cristina*. São Paulo: Editora UNESP, 2003.
- _____. *Educação e Mudança*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1981.
- _____. *Pedagogia do oprimido*. 42ª ed. Rio de Janeiro, 2005a.
- _____. *Conscientização: teoria e prática da libertação*. 3ªed. São Paulo: Centauro, 2005b.
- _____. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 31ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005c.
- _____. *Política e Educação*. Indaiatuba, SP: Villa das Letras, 2007.
- GADOTTI, Moacir(Org.). *Paulo Freire: Uma bibliografia*. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire; Brasília, DF: UNESCO, 1996.
- JARES, Xejus. *Educar para a paz em tempos difíceis*. São Paulo: Palas Athenas, 2007a.
- LOPES, Kleber. A escrita dos riscos e os riscos da escrita: rabiscos sobre juventude e psicologia. In: MATOS, Kelma Socorro Lopes de; ADAD, Shara Jane; FERREIRA, Maria D’Alva. *Jovens e Crianças: outras imagens*. Fortaleza: Editora UFC, 2006. p.56-61.
- PINHEIRO, Ângela. Psicologia social: alguns princípios fundantes de uma trajetória acadêmico-política. In: *Revista Humanidades*. Fortaleza, v.20, nº 1, p. 21-29, jan/jun. 2005.
- VASCONCELOS, Eymard Mourão. *A espiritualidade no trabalho em saúde*. São Paulo: Hucitec, 2006.